

O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO NO BERÇÁRIO: A INFLUÊNCIA DOS PROFESSORES E DA FAMÍLIA

THE ADAPTATION PROCESS IN NURSERIES: THE INFLUENCE OF TEACHERS AND FAMILIES

EL PROCESO DE ADAPTACIÓN EN GUARDERÍAS: LA INFLUENCIA DE MAESTROS Y DE LA FAMILIA

Eduarda Rosario Melo dos Santos¹
Jucimara de Barros Bandeira²

Resumo

Este trabalho analisa o processo de adaptação no berçário. O problema de pesquisa consiste em saber como a família e os professores incidem sobre a adaptação e desenvolvimento dos bebês no berçário, visto que este é um desafio para todos. Professores e pais passam por muitas dificuldades para a habituação dos bebês, os quais sofrem com a separação. O objetivo principal é tornar esse momento mais tranquilo, com o apoio de estudos sobre métodos de adaptação e desenvolvimento da criança. Para atingir esse objetivo, fez-se um levantamento bibliográfico com abordagem qualitativa. Como resultado, concluímos ser necessário planejar o processo de adaptação, com sugestões e métodos definidos pela instituição e professores, para torná-lo mais fácil. O intuito desse planejamento seria criar um guia para pais e professores, para lidar com as dificuldades e singularidades de cada bebê, com organização e clareza.

Palavras-chave: adaptação; berçário; bebês; desenvolvimento; família.

Abstract

This paper analyzes the adaptation process in nurseries. The research problem consists in knowing how the family and teachers affect the adaptation and development of babies in nurseries, since this is a challenge for everyone. Teachers and parents face many difficulties regarding babies' adaptation, who suffer from separation. The main objective is to make this moment more peaceful, with the support of studies on adaptation methods and child development. To achieve this goal, a bibliographic survey with a qualitative approach was carried out. As a result, we conclude that it is necessary to plan the adaptation process, with suggestions and methods defined by the institution and teachers, to make it easier. The purpose of this planning would be to create a guide for parents and teachers, to deal with the difficulties and singularities of each baby, with organization and clarity.

Keywords: adaptation; nursery; babies; development; family.

Resumen

Este trabajo analiza el proceso de adaptación en la guardería. El problema de investigación consiste en saber cómo la familia y los profesores inciden sobre la adaptación y desarrollo de bebés en la guardería, una vez que este es un reto para todos. Maestros y padres enfrentan muchas dificultades para la aclimatación de los bebés, que sufren con la separación. El objetivo principal es hacer que ese momento sea más tranquilo, con el apoyo de estudios sobre métodos de adaptación y desarrollo del niño. Para ello, se realizó una revisión bibliográfica con orientación cualitativa. Como resultado, se concluye que es necesario planificar el proceso de adaptación, con sugerencias y métodos diseñados por la institución y maestros para hacerlo más llevadero. La intención de esa planificación sería elaborar una guía para padres y maestros para atender las particularidades de cada bebé, con orden y claridad.

¹ Licenciada em Pedagogia no Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: eduarda.santoscb@gmail.com.

² Professora da área de educação do Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: jucimara.b@uninter.com.

Palabras-clave: adaptación; guardería; bebés; desarrollo; familia.

1 Introdução

Esse artigo tem como foco a adaptação no berçário, que faz parte da educação infantil; é a primeira etapa da educação básica e consiste na educação de crianças com idades entre zero e cinco anos, dividida em creche e pré-escola. Nessa fase elas estão conhecendo o mundo, de maneira que o objetivo principal da educação infantil é o desenvolvimento integral da criança, em suas múltiplas habilidades: sociais, motoras, intelectuais, físicas, emocionais e simbólicas.

Diferente de outras épocas em que essa fase era vista como assistencialista ou também chamada de “depósito de crianças”, atualmente a creche e a pré-escola deixaram de ser taxadas como um espaço para “largar” a criança enquanto os pais trabalham, tornando-se um local de conhecimento, estímulo, brincadeira e cuidado.

Para a educação infantil ganhar espaço e deixar de ser estigmatizada, foram necessários muitos anos, estudos, leis e mudanças na concepção de infância, dos ideais sobre a educação infantil e sobre o desenvolvimento infantil. Atualmente, em decorrência das transformações da sociedade — por exemplo, o fato de a mulher trabalhar fora e o conhecimento das pessoas sobre a importância de estímulos e socialização desde o nascimento da criança —, aumentou o número de matrículas nas escolas; com isso, é necessário saber lidar com um dos momentos mais difíceis da fase escolar: a adaptação.

A partir do exposto anteriormente, esse trabalho tem como problema de pesquisa indagar sobre a forma como a família e os professores incidem sobre a adaptação e desenvolvimento dos bebês no berçário. Dessa maneira, apresento a justificativa do trabalho, argumentando sobre o motivo da escolha do tema.

Ao trabalhar com educação infantil, é preciso entender os desafios encontrados nos primeiros meses de adaptação — que são inúmeros. O ambiente externo determina como será essa fase, em que a criança é afetada e precisa de segurança e confiança para adaptar-se mais rápido; pais e professores precisam de união e planejamento para tornar esse momento mais tranquilo para ela.

Por esse motivo, é importante estudar e revisar a adaptação para fazer dessa experiência algo menos doloroso para os envolvidos, para que a situação seja reconfortante, sem a carga emocional e a culpa que os pais sentem por deixar seus filhos de poucos meses na escola. É preciso mostrar os benefícios e a alegria que a educação infantil proporciona à criança.

Esse artigo tem como objetivo geral, partindo da justificativa apresentada anteriormente, apresentar métodos de adaptação para o melhor desenvolvimento do bebê no berçário, utilizando referências teórico-práticas de autores sobre o assunto.

O objetivo geral se desdobra em quatro objetivos específicos: (a) Pesquisar sobre a influência da família e professores na adaptação e desenvolvimento do bebê no berçário; (b) Revisar estudos sobre a adaptação no berçário; (c) Compreender a importância do desenvolvimento do bebê no berçário; (d) Explorar as possibilidades metodológicas acessíveis para melhorar a adaptação da criança, família e professores.

Este trabalho está organizado em introdução — que contém os objetivos da pesquisa, a justificativa e o problema. Logo descreve-se a metodologia utilizada — bibliográfica de cunho qualitativo —, retratada no capítulo 2.

No capítulo 3, apresenta-se a fundamentação teórica do trabalho, que estará dividida em cinco tópicos, onde serão desenvolvidos os objetivos apresentados anteriormente; no capítulo 4 estarão as considerações finais, com os resultados e conclusão desta pesquisa.

2 Metodologia

Esse artigo tem como metodologia o levantamento bibliográfico; assim, a forma de obter as informações necessárias é a pesquisa bibliográfica realizada em fontes documentais e trabalhos impressos por autores que estudaram a temática; sua forma de abordagem é qualitativa. A pesquisa bibliográfica é a etapa inicial do desenvolvimento de um texto científico e tem como objetivo fundamentar-se em artigos, livros, teses de doutorado e documentos científicos sobre o tema escolhido.

A pesquisa qualitativa busca verificar os fenômenos sociais que acontecem em diferentes tempos e culturas; sendo assim, estuda fenômenos que não podem ser descritos em equações exatas e pode ser considerada um produto das interpretações do autor. De acordo com Soares (2019, p. 169) “a pesquisa qualitativa se expressa mais pelo desenvolvimento de conceitos a partir de fatos, ideias ou opiniões, e do entendimento indutivo e interpretativo que se atribui aos dados descobertos, associados ao problema de pesquisa”.

Sobre o levantamento bibliográfico, Galvão esclarece que:

Realizar um levantamento bibliográfico é se potencializar intelectualmente com o conhecimento coletivo, para se ir além. É munir-se com condições cognitivas melhores, a fim de: evitar a duplicação de pesquisas, ou quando for de interesse, reaproveitar e replicar pesquisas em diferentes escalas e contextos; observar possíveis falhas nos estudos realizados; conhecer os recursos necessários para a construção de um estudo com características específicas; desenvolver estudos que cubram lacunas

na literatura trazendo real contribuição para a área de conhecimento; propor temas, problemas, hipóteses e metodologias inovadoras de pesquisa; otimizar recursos disponíveis em prol da sociedade, do campo científico, das instituições e dos governos que subsidiam a ciência (GALVÃO, 2011. p. 1).

Como uma das bases principais, para a fundamentação teórica, foi utilizada a tese de doutorado intitulada *O processo de adaptação das crianças na educação infantil: os desafios das famílias e dos educadores da infância*, escrita por Suélen Cristiane Marcos de Oliveira (2018). Os outros artigos e livros utilizados para a fundamentação teórica foram retirados das plataformas Scientific Electronic Library Online – SciELO e Biblioteca Virtual do Centro Universitário Uninter; o critério utilizado para escolha dos autores foi a aderência à temática e os artigos mais recentes relativos à educação infantil e à adaptação ou desenvolvimento dos bebês nesse ambiente.

3 Adaptação no berçário: história, dificuldades e possibilidades metodológicas

No desenvolvimento desse artigo, vamos apresentar a pesquisa bibliográfica realizada sobre o tema, abordando a história da educação infantil e sua legislação no Brasil, para compreender o contexto histórico dessa etapa da educação básica.

Vamos conhecer mais sobre a adaptação e suas dificuldades nessa fase, para poder focar os estudos no berçário; mostrar como a família influencia na vivência e no desenvolvimento do bebê na creche e estudar as habilidades e competências que a BNCC estipula para o desenvolvimento integral do bebê.

Visando uma adaptação mais tranquila, com o intuito de entender e diminuir as dificuldades que podem ocorrer — como choro, doenças, falta de confiança da família e rejeição do local pela criança —, realizaremos uma análise sobre possibilidades metodológicas acessíveis para a adaptação, tentando encontrar alternativas favoráveis para o bebê, família e professores.

3.1 Breve histórico da educação infantil

Esse artigo irá abordar a adaptação no berçário, que faz parte da primeira etapa da educação básica. Começaremos com um breve histórico pois, para entender o que ocorre nos dias de hoje, precisamos compreender a evolução da concepção de infância e da educação infantil.

Na idade média, o modo de se criar as crianças seguia costumes da antiguidade; nesses períodos a criança era tratada como um adulto; não havia diferenciação nem nas vestimentas,

nem nos afazeres e seu status como criança era inexistente, pois a concepção de infância ainda não existia: “Dessas duas tradições culturais que se mesclaram e fizeram emergir a Idade Média, concluo que o *status* da criança naquelas sociedades antigas era praticamente nulo” (COSTA, 2002, p. 1). As tradições mencionadas se referem à rejeição de filhas mulheres ou de filhos com alguma deficiência e se refere ao trabalho infantil, que era comum na época.

O olhar sobre a criança alterou-se com a revolução industrial e as mudanças na estrutura da sociedade e família; houve também modificação na concepção da infância, pois de um ser sem importância a criança passa a ser um indivíduo da sociedade; é vista como responsabilidade da família e seus cuidados são realizados pela mãe ou algum familiar. Devido às guerras e à retirada de muitos homens das indústrias, a saída da mulher do âmbito familiar para o profissional foi inevitável, pois sua mão de obra, entre outras que antes não eram validadas, foi necessária.

Com a mulher e o homem fora de casa, com a demanda da industrialização — e muitas vezes para se ter duas rendas, pois a pobreza era muito grande —, os cuidados da criança foram encarregados a terceiros. Essas instituições eram filantrópicas e religiosas, normalmente voltadas a famílias de baixa renda, com foco assistencialista e não educacional. “No mundo e no Brasil, o atendimento à criança surgiu principalmente voltado às famílias de baixa renda, ou seja, de forma assistencialista” (CARTAXO, 2013, p. 34).

Seu propósito era receber a criança e atender os seus cuidados físicos até os pais terminarem o expediente de trabalho, que durava às vezes o dia todo. Isso produziu uma visão errônea sobre os cuidados realizados nessas instituições, estigmatizadas como depósitos de crianças; remetiam à pobreza, culpa e caridade, percepção que perdurou por muitos anos no Brasil e infelizmente até agora.

Como a definição de infância está relacionada ao contexto social de cada época, notamos que, com o passar dos anos, o sentimento de infância foi tomando maiores proporções, de maneira que hoje está considerada totalmente separada do adolescente, do adulto e do idoso. Percebe-se que, com a evolução da sociedade, as estruturas familiares se modificaram também; leis e cuidados voltados à criança e adolescente foram criados e com isso a educação infantil ganhou novos rumos, começando a substituir a ideia do assistencialismo pelo objetivo de uma educação integral.

Com a nova visão, a partir dos 1980, as iniciativas começam a ser realmente voltadas à criança, que se transformou no centro das políticas públicas. No Brasil, a Constituição de 1988 reconheceu a creche e a pré-escola como direito da família e dever do Estado:

A educação infantil passou a ser subordinada à área da educação, o que representou um significativo avanço na superação de seu aspecto assistencialista; isso porque a Constituição, ao definir que o dever do Estado para com a educação será efetivado mediante a garantia de, entre outros, “atendimento em creche e pré-escola às crianças de 0 a 6 anos” (art. 208, inciso IV), possibilita uma obrigação para o sistema educacional (RAU, 2012, p. 25).

Em 1990 foi criado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que reafirma seus direitos constitucionais; políticas nacionais também começaram a ser criadas para estabelecer metas, visando a melhoria do atendimento à criança e sua educação, que se tornou obrigatória e gratuita dos 4 aos 17 anos.

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) estabelece a necessidade de formação para os profissionais da educação infantil, para assim diminuir a carga assistencialista que ainda a estigmatiza, mostrando que o objetivo da escola é o desenvolvimento integral, com profissionais formados em nível superior ou magistério, que vão saber trabalhar a prática pedagógica na sala de aula, além do cuidar e estimular que também são necessários.

A LDBEN também realizou a integração da educação infantil com a educação básica, tornando-a a sua primeira etapa; passou a ser dever do Estado assegurar o atendimento desses alunos de forma gratuita, de maneira que a junção do educar e do cuidar foi efetivada, pois a criança receberia os cuidados necessários e, além disso, a educação pensada para esse nível, com profissionais qualificados para tal oferta.

Em 1998 foi criado o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI). Trata-se de um material referencial para o trabalho pedagógico na educação infantil, que estabelece critérios e estudos sobre essa fase, indicando um rumo para se trabalhar.

O RCN para a Educação Infantil é composto por três volumes que pretendem contribuir para o planejamento, desenvolvimento e avaliação de práticas educativas além da construção de propostas educativas que respondam às demandas das crianças e seus familiares nas diferentes regiões do país. O primeiro, intitulado “Introdução”, traz reflexões sobre creches e pré-escolas brasileiras, infância, educação e profissionalização, além do referencial teórico que sustenta a obra. O segundo volume intitula-se “Formação e social” e trata dos processos de construção da identidade e autonomia das crianças. O terceiro volume, com o título “Conhecimento de Mundo”, traz seis documentos, cada qual relacionado aos sub-eixos de trabalho: Movimento, Música, Artes visuais, Linguagem oral e escrita, Natureza e sociedade e Matemática (MENEZES, 2001, n. p.).

Muitos outros documentos foram formulados para a educação infantil com o passar dos anos; em 2009 foram publicadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI) com o objetivo de determinar ações e estipular critérios para as propostas pedagógicas. Dentro dela temos diretrizes para a educação infantil, a Resolução n.º 5, de 17 de

dezembro de 2009, que estipula regras e lineamentos para essa etapa da educação básica, como a data de corte para mudança de turma, a avaliação com objetivo de desenvolvimento da criança e não para a sua promoção ou ingresso no ensino fundamental, entre outras.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017 foi um dos últimos documentos publicados sobre a educação infantil e deveria ser colocada em prática até 2020; antes dela, o principal documento era o RCNEI; com a implementação da BNCC, o referencial não deve ser descartado, mas usado como complemento aos estudos sobre educação, pois ele tem muito a acrescentar na formação acadêmica.

A BNCC traz alterações em toda a educação básica; estipula seis direitos de aprendizagem, cinco campos de experiência, uma concepção de criança bem clara. Ela estabelece também a reorganização das faixas etárias com nomenclaturas específicas, diferenciando os graus de dificuldade pela idade. Na educação infantil eles foram separados em: bebê – Berçário, que vai de zero a um ano e seis meses; crianças bem pequenas – Maternal, que vai de um ano e 7 meses a três anos e 11 meses; crianças pequenas – Pré-escola, que vai de quatro anos a seis anos e dois meses. Essas nomenclaturas serão utilizadas nesse artigo para separação de idades e turmas.

Podemos notar que o contexto histórico da educação infantil é muito complexo e vive adaptações até hoje, sempre visando a melhoria da qualidade da educação. Notamos que as gerações atuais dão mais valor à creche e à pré-escola que, com o tempo, vai se desvinculando do passado e perdendo os estigmas que a acompanham.

Nos dias atuais, a maioria das pessoas trabalha fora, inclusive as mães, o que se tornou algo normal na sociedade; vemos também que as pessoas não trabalham somente pela necessidade de se ter renda; a busca pelo mercado de trabalho faz-se pelo prazer de exercer uma carreira e pela independência.

Hoje também temos diferentes tipos de estruturas familiares; a idealização de uma família tradicional, com um pai, uma mãe e um irmão não é mais padrão nas escolas. Sendo assim, não se pode mais afirmar que a mãe deve ficar em casa cuidando dos filhos, como dona de casa, enquanto o pai trabalha e é o provedor da família, pois a sociedade mudou muito, e essas estruturas e cargos também sofreram alterações.

Com todas essas transformações, o motivo de matricular as crianças nas escolas também é outro; antes o objetivo era deixar a criança aos cuidados da escola para os pais poderem trabalhar, agora o objetivo principal é o desenvolvimento integral por meio de estímulos, brincadeiras, jogos, atividades etc. Isso deve ser proporcionado pela escola que, enquanto realiza o desenvolvimento, também preza pelo cuidar e brincar.

Devido a esses motivos, a demanda por vagas aumentou muito; compreendeu-se a importância da educação básica desde cedo e, com os pais e responsáveis trabalhando fora, a educação infantil é cada vez mais procurada. Os pais dão o primeiro passo, escolhem uma escola que se encaixa nos seus gostos pessoais e financeiros, conhecem o lugar e se realiza a matrícula da criança.

No primeiro dia de aula nos deparamos com uma das maiores dificuldades na educação infantil: a adaptação. Por esse motivo, este artigo tem o intuito de realizar uma revisão de estudos relacionados com a adaptação para entender melhor o assunto e aprofundar em temas específicos.

3.2 Entendendo o conceito de adaptação

Quando pensamos em dificuldades de adaptação, normalmente imaginamos crianças chorando e chamando pela mãe, porém essa fase da escola é muito mais complexa; para entender melhor tudo que acontece nessa situação, começaremos nossa pesquisa revendo estudos sobre o que é a adaptação. O conceito de adaptação difere de acordo com a sua aplicação e contexto, mas podemos considerá-la como a ação de se adaptar, acomodar ou ajustar a algo novo.

O processo de adaptação se inicia antes mesmo de o bebê chegar na escola; começa com os pais, já na matrícula e na pesquisa de escolas. Ali eles dão início à adaptação e procuram o melhor lugar para realizar tal ato. A adaptação para a criança começa nos primeiros dias nesse novo lugar, quando ela conhece a escola, as pessoas, os colegas, os alimentos, os brinquedos e a nova rotina.

É possível notar a complexidade da adaptação ao nos referirmos a tudo o que é novo para a criança, principalmente no berçário, onde o bebê é mais dependente dos cuidados dos adultos. Nesse novo ambiente, as pessoas diferentes do seu convívio assustam e o medo de ser abandonada nesse local é real; a alimentação diferente da que a criança está acostumada em casa e com horários diferentes; novos brinquedos e ter que dividi-los com os colegas; outras crianças dividindo a atenção dos professores; tudo isso é extremamente estressante e muitas podem, além de chorar, demonstrar outros tipos de resistência a essa nova rotina, como adoecer.

O choro é constante em todas as fases da adaptação, porque, através dele, as crianças muitas vezes conseguem manipular o responsável por sua adaptação; também há casos em que forçam vômitos, recusam-se a se alimentar, de sorte que percebem que assim vão ter por perto aquela pessoa da qual não querem se separar (OLIVEIRA, 2018, p. 67).

Sendo assim, é possível compreender que o choro é o primeiro recurso utilizado pelas crianças, porque a maioria não sabe falar nessa idade; utilizam o choro como linguagem e expressão. Como a autora afirma, as crianças sabem que o choro será prontamente atendido pelos pais, pois lhes causa ansiedade e culpa, mas a adaptação vai muito além do choro. Há crianças que manifestam outros tipos de resistência ao novo ambiente, como gritos, estresse e mau-humor, agressividade com os professores e outras crianças, ciúmes e até mesmo desespero; nos primeiros dias pode ocorrer que a criança recuse a alimentação, o sono e não queira brincar, demonstrando sua resistência ao lugar.

Quando a criança não se acostuma percebe-se que é muito ligada a família, e isso pode ocasionar alguns sintomas físicos, devido à somatização de ansiedade, tristeza, separação, entre outros sentimentos que não sabe interiorizar. Muitos desses sintomas podem ser vistos nas creches no período de adaptação, como afirma o autor a seguir:

O bebê pode somatizar seus sentimentos em relação à separação, apresentando sintomas físicos, como febre, vômitos, diarreia, bronquite, alergias, etc. Esses sintomas devem alertar para possíveis problemas de adaptação, mesmo que o bebê não chore na escola (SANTOS, 2012, p. 34).

Enquanto ocorrem essas situações em que a criança demonstra a sua insatisfação, outras não demonstram resistência, mas ficam tristes e apáticas. Oliveira esclarece a seguir:

O processo de adaptação, na história da Educação Infantil, na maioria das vezes, é concebido pelos profissionais como um período de tempo e espaço determinados pela instituição, tendo como principal objetivo estimular as crianças a pararem de chorar. No entanto, acreditar que o sucesso da adaptação das crianças se traduz somente na ausência de choro é desconsiderar toda uma situação emocional complexa, a qual não se expressa apenas por ele e impede muitas crianças e famílias de se adaptarem (OLIVEIRA, 2018, p. 67).

O que acontece muito também é a regressão; crianças que já usavam o vaso sanitário regredem às fraldas ou fazem xixi nas calças. Tudo isso deve ser relatado à família, para reverter esses acontecimentos em trabalho conjunto com a escola. Sobre a adaptação na visão das famílias:

Quanto às concepções das famílias acerca da adaptação das suas crianças, verificou-se que estão fortemente relacionadas às reações infantis a esse processo, considerando que as crianças que não demonstraram um grande sofrimento ou adoecimento vivenciaram uma boa adaptação, todavia, as famílias cujas crianças manifestaram doenças, choro intenso e relutância em dormir definem as suas crianças como difíceis de adaptarem à creche (OLIVEIRA, 2018, p. 8).

Concordamos que o senso comum de uma boa adaptação seria a criança não chorar ou chorar menos, mas como sabemos, essa fase é mais complexa do que parece, ela vai muito além do choro. Um dos fatores que mais dificulta a adaptação plena e a participação efetiva da família é esconder dos pais o que ocorreu na escola; não se deve omitir informações à família, pois o sentimento dos pais com a escola, sua segurança e confiança se refletem também na atitude da criança em querer ou não frequentar deste local.

Se houvesse um planejamento sobre o processo de adaptação das crianças, esse sofrimento infantil poderia ser minimizado. Além de não haver a devida participação das famílias, no processo de adaptação, que eram orientadas a deixarem a criança e irem embora, os profissionais da instituição escondiam dos familiares das crianças as suas reações, afirmando que a criança não tinha chorado, que tinha ficado bem, que comeria, para evitar que os mesmos tirassem as crianças e prejudicassem financeiramente a escola em questão, que era privada (OLIVEIRA, 2018, p. 14).

O sentimento dos pais, da criança e dos professores é válido e deveria ser levado a sério, pois quando não se conversa com a família sobre o que aconteceu no dia ou se escondem fatos, nada será feito para tentar mudar esse cenário; no dia seguinte a criança vai sofrer novamente e os professores também, enquanto os pais acreditam que está tudo bem.

Não se deve tratar a família e a criança como clientes, mas sim como parte da instituição, pois a educação não é mercadoria; os sentimentos devem ser respeitados, buscando sempre alternativas para melhorias na qualidade do ensino e na adaptação.

As dificuldades para o sucesso da adaptação das crianças, segundo as pesquisas, se devem ao desconhecimento dos profissionais sobre a seriedade e a importância da adaptação infantil, assim como sobre os sentimentos dos envolvidos e a incapacidade das famílias em conceituar as instituições de Educação Infantil e de expressar como deveria ser o processo de adaptação, na concepção delas, o que as leva a aceitar a prática tradicional dos profissionais, embora com desconfiança (OLIVEIRA, 2018, p. 27).

Entendemos a complexidade da adaptação e percebemos que deve ser levada a sério buscando formas para que ocorra de maneira tranquila. Nos próximos tópicos iremos abordar a participação da família na adaptação, o desenvolvimento da criança — principal objetivo da escola e dos professores —, e estudos sobre as adaptações e maneiras de ajudar nesse processo.

3.3 Influência da família e das professoras na adaptação e no desenvolvimento do bebê no berçário

O período de adaptação como observamos é complicado e, quando não temos a participação da família, ele fica ainda mais complexo. Devemos entender o difícil que é deixar

os filhos na creche, os sentimentos que os pais têm em relação à adaptação, que podem influenciar a criança e seu desenvolvimento. Oliveira levanta esta questão:

Questionei-me sobre os sentimentos que os pais e familiares devem sentir, ao deixar seus bebês, ou crianças pequenas, menores de três anos, com pessoas até aquele momento desconhecidas, num ambiente e rotinas que lhes são estranhos. Creio que esse difícil processo pode ser ainda mais doloroso; assim, se não existir parceria entre as famílias e as instituições, no momento de adaptarem as crianças, aquelas podem ter suas inseguranças e medos a respeito do atendimento que é oferecido à criança aumentados, por esta ter que se adaptar a pessoas estranhas, ao ambiente e a uma rotina diferentes, sem o apoio familiar (OLIVEIRA, 2018, p. 13).

Falta de comunicação por parte da escola gera inseguranças e medos na família, e isso influencia a criança; é comum que os adultos pensem que os bebês ainda não entendem o mundo ao seu redor, porém a compreensão e sentimentos que eles absorvem dos ambientes é muito grande; então, se os pais não se sentem seguros e confiantes a criança também não se sentirá.

Logo, no período de adaptação da criança, a família deve se mostrar confiante, decidida, alegre, para auxiliá-la a enfrentar os desafios de se tornar um membro incluso. Somada ao sentimento de perda e da ansiedade da separação, a família vivencia a angústia da incerteza quanto aos cuidados da criança, teme que ela não seja bem assistida, atendida em suas necessidades, na instituição de Educação Infantil. Esses sentimentos devem ser superados, pois podem ser percebidos pelas crianças, mesmo se não verbalizados pela família (OLIVEIRA, 2018, p. 71-72).

A autora explica que os sentimentos referentes à escola e os professores podem ser percebidos pela criança, mesmo que o adulto não fale. Nesse caso, para que o processo de adaptação ocorra, o envolvimento das famílias é importante, sendo os pais os mediadores na apresentação do novo ambiente.

A família que se organiza tendo como eixo o cuidado, o afeto e a proteção, entre seus membros, e transmite confiança à criança de que ela passará algumas horas do dia na instituição, sem jamais ser abandonada pela família, determina o sucesso ou o fracasso do processo de adaptação (OLIVEIRA, 2018, p. 27).

Organização, segurança, diálogo, confiança e amor são palavras-chave para a família lidar com essa adaptação e transmitir ao bebê que é seguro ficar ali e que eles vão retornar para buscá-lo.

O processo mais comum de adaptação é algum familiar levar a criança à escola, ficar um período bem curto na sala com o bebê, depois ir embora quando a criança se distrai; um horário é estipulado para esses primeiros dias, até a criança se adaptar e ficar um período maior, ou integral.

Oliveira (2018) afirma que os professores e atendentes da educação infantil não gostam que os pais fiquem muito tempo na sala com o bebê e a turma. “A presença das famílias, no espaço creche, no período de adaptação, não é uma prática defendida pelos profissionais, os quais a definem como impeditiva para o sucesso da adaptação das crianças à instituição” (OLIVEIRA, 2018, p. 8). Essa questão é delicada e precisa ser revista por todos os indivíduos dessa etapa, para melhor adaptação do bebê.

As famílias precisam do acolhimento da instituição, pois têm papel fundamental na adaptação; deve ser permitida a sua participação e permanência na creche quando necessário, contudo, regras e limites devem ser estabelecidos pela instituição, para que o ajudar não se torne atrapalhar, pois as outras crianças não gostam quando há adultos diferentes na turma e isso causa estresse e nervosismo nos bebês.

Compreendemos que a adaptação sofre influência da família e dos professores e essa etapa da fase escolar pode interferir no desenvolvimento do bebê que, como já observado no texto, pode ter sintomas físicos e regressões. Quando a família se une à creche e juntos buscam a melhor alternativa para ambos, o bebê consegue uma boa adaptação e com isso seu desenvolvimento será integral.

O contato e união não deve acabar na adaptação; é importante manter contato permanente e não somente nas reuniões de pais, pois essa comunicação vai gerar uma rede de apoio à criança; com ela, seu desenvolvimento terá continuidade na escola e em casa. Por exemplo, a criança que inicia seus primeiros passos em casa terá o estímulo na escola também, isso vale para o desfralde, a fala, a autonomia, entre outros exemplos.

Também é importante, no momento da matrícula, entrevistar os pais ou cuidadores para conhecer as crianças, saber seus gostos, costumes e até dados sobre a sua saúde, como intolerância alimentar, alergias, doenças, quais remédios lhes são indicados pelo pediatra e de que ela costuma fazer uso, informações que podem até mesmo salvar sua vida, em uma situação de emergência. Essa interação dos profissionais com as famílias deve ser mantida durante toda a permanência da criança na instituição, reconhecendo que ninguém conhece melhor a criança que sua família (OLIVEIRA, 2018, p. 70).

Por esses motivos, a família deve ser acolhida pelos professores e pela instituição, buscando sempre o diálogo e a escuta ativa. Os pais também devem auxiliar na comunicação e convivência, como aliados dos professores e não inimigos ou rivais. Com o trabalho unificado, o desenvolvimento do bebê será muito mais rápido e efetivo, sua autonomia e cognição serão estimuladas em casa e na escola, e com isso o trabalho em conjunto com a família trará bons resultados.

3.4 Desenvolvimento do bebê no berçário

Nesse tópico vamos conversar sobre o desenvolvimento no berçário; após uma análise sobre a influência dos pais e do êxito do trabalho em conjunto no desenvolvimento do bebê, vamos ver o que deve ser desenvolvido pelos professores e o que a BNCC apresenta sobre o berçário e os campos de experiência que devem ser atingidos nessa fase da educação infantil.

Vamos exemplificar o que se encaixa em desenvolvimento integral no berçário, expondo e analisando o material da BNCC para a faixa etária dos bebês (de zero a 1 ano e 6 meses). Antes disso é importante ressaltar que cada criança é única e tem seu tempo; não se devem fazer comparações, é normal que o desenvolvimento de uns não seja igual ao de outros; é preciso ficar atento e manter a calma. Somente frente a um atraso significativo ou se for identificado algo diferente é necessário procurar um médico; não é recomendado forçar a criança, ela vai se desenvolver melhor com sua ajuda através de estímulos e incentivos, utilizando a brincadeira e o lúdico.

Para as professoras, é sempre bom lembrar que o bebê não está no berçário somente para receber cuidados como banho, alimentação e descanso; o objetivo também é realizar o desenvolvimento integral dessas crianças por diferentes métodos.

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) estabelece as habilidades que as crianças devem desenvolver durante a educação infantil. Vamos citar algumas delas: desenvolvimento cognitivo, desenvolvimento social e emocional, desenvolvimento da linguagem e desenvolvimento físico e motor. Devem ser utilizados diferentes métodos para que os bebês se desenvolvam brincando, de maneira lúdica e explorando seus cinco sentidos. É preciso utilizar também a psicomotricidade e ensinar a criança a se expressar, oferecendo cuidado, carinho e, ao mesmo tempo, conhecimento.

A publicação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) trouxe mudanças e estabeleceu as competências e as habilidades que os alunos devem desenvolver; ela determina as aprendizagens essenciais a serem trabalhadas nas escolas públicas e particulares da educação básica e tem o objetivo de garantir o direito à aprendizagem e o desenvolvimento pleno de todos os estudantes do Brasil, de maneira a diminuir a desigualdade.

Documentos como a BNCC e a LDB são importantes, pois dão um norte para as equipes pedagógicas, mostrando como deve ser a educação e as melhorias que devem ser colocadas em prática. Com essas normas e políticas públicas voltadas à educação, o Brasil busca aumentar o padrão da qualidade de ensino e melhorar a educação no país.

Na BNCC temos seis direitos de aprendizagem para a educação infantil e eles são contemplados nos campos de experiência; esses campos têm intencionalidade pedagógica, buscam o desenvolvimento por experiência e deixam claros os objetivos e aprendizagens esperados para cada faixa etária. Vamos ler um resumo dos campos de experiência dirigidos ao berçário:

O eu, o outro e o nós: trabalha o individual, o autocuidado, a autonomia; ajuda o bebê se conhecer e aprender os limites de seu corpo e o do outro; também ensina a lidar com as primeiras experiências sociais, as interações, conhecendo outras crianças e adultos diferentes dele.

Corpo, gestos e movimentos: visa as experiências motoras, gestos, posturas e movimentos; aprende que pode se expressar, se comunicar e brincar a partir do corpo e dos movimentos.

Traços, sons, cores e formas: possibilita à criança desenvolver sua criatividade, realizar experiências com o seu corpo, seus sentidos, sua voz, aprendendo a se expressar pela música, dança, instrumentos musicais e brincadeiras de faz de conta.

Escuta, fala, pensamento e imaginação: incentiva as atividades relacionadas à fala e à escuta, desenvolvendo a oralidade, como contação de histórias, conversas etc. Promove o contato com a linguagem escrita, oferecendo contato com livros, realizando leitura e despertando curiosidade.

Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações: realizar brincadeiras e interações onde o objetivo seja observar, manipular, explorar e levantar hipóteses. Ampliar conhecimentos e percepção de mundo.

Na tabela 1, vamos observar os objetivos de aprendizagem de cada campo de experiência para assim entendermos melhor essa fase, seu desenvolvimento e objetivos; para compreender o berçário, seu ambiente, seus desafios e expectativas de trabalho para planejamento anual.

Tabela 1: Objetivos de aprendizagem.

O eu, o outro e o nós:	<ul style="list-style-type: none">● Perceber que suas ações têm efeitos nas outras crianças e nos adultos.● Interagir com crianças da mesma faixa etária e adultos ao explorar materiais, objetos e brinquedos.● Comunicar necessidades, desejos, emoções, utilizando gestos, balbucios e palavras.● Reconhecer seu corpo e expressar suas sensações em momentos de alimentação, higiene, brincadeira e descanso.
------------------------	--

	<ul style="list-style-type: none"> ● Interagir com outras crianças da mesma faixa etária e adultos, adaptando-se ao convívio social.
Corpo, gestos e movimentos:	<ul style="list-style-type: none"> ● Movimentar as partes do corpo para exprimir corporalmente emoções, necessidades e desejos. ● Experimentar possibilidades corporais nas brincadeiras e interações em ambientes acolhedores e desafiantes. ● Imitar gestos e movimentos de outras crianças, adultos e animais. ● Utilizar os movimentos de preensão, encaixe e lançamento, ampliando as possibilidades de manuseio de diferentes materiais e objetos. ● Participar do cuidado do seu corpo e da promoção do seu bem-estar.
Traços, sons, cores e formas:	<ul style="list-style-type: none"> ● Explorar sons produzidos com o próprio corpo e com objetos cotidianos. ● Traçar marcas gráficas em diferentes suportes, usando instrumentos riscantes e tintas. ● Explorar diferentes fontes sonoras e materiais para acompanhar brincadeiras cantadas, canções, músicas e melodias.
Escuta, fala, pensamento e imaginação:	<ul style="list-style-type: none"> ● Reconhecer quando é chamado por seu nome e reconhecer os nomes das pessoas com quem convive. ● Demonstrar interesse ao ouvir a leitura de poemas, apresentação de músicas e ao ouvir histórias lidas ou contadas. ● Comunicar-se com outras pessoas usando movimentos, gestos, balbucios, fala e outras formas de expressão. ● Reconhecer elementos das ilustrações de histórias, apontando-as, e imitar as variações de entonação e gestos realizados pelos adultos ao ler histórias e ao cantar. ● Conhecer e manipular materiais impressos e audiovisuais em diferentes portadores.
Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações:	<ul style="list-style-type: none"> ● Explorar e descobrir as propriedades de objetos e materiais (odor, cor, sabor, temperatura). ● Explorar relações de causa e efeito (transbordar, tingir, misturar, mover e remover etc.) na interação com o mundo físico. ● Explorar o ambiente pela ação e observação, manipulando, experimentando e fazendo descobertas. ● Manipular, experimentar, arrumar e explorar o espaço por meio de experiências de deslocamentos de si e dos objetos. Manipular materiais diversos e variados para comparar as diferenças e semelhanças entre eles. ● Vivenciar diferentes ritmos, velocidades e fluxos nas interações e brincadeiras (em danças, balanços etc.).

Fonte: Informações reunidas pela autora. BNCC (BRASIL, 2018, p. 47-54).

Após resumir e selecionar o conteúdo da BNCC, podemos notar que a educação infantil traz muitos benefícios para as crianças; desde que começou a ser mais valorizada e a fazer parte da educação básica, os números de procura aumentaram e seus objetivos ficam cada vez mais explícitos e específicos, obtendo uma melhora na qualidade da educação.

A creche é tão importante quanto a pré-escola mesmo não sendo obrigatória; o berçário proporciona desenvolvimento motor, cognitivo, social, emocional, afetivo, que são visíveis na fala quando os bebês começam a se expressar pelos sons e pelas primeiras palavras; pelo movimento ao levantar a cabeça, engatinhar; quando o bebê interage com os colegas e se reconhece como indivíduo, entre outras diversas fases vivenciadas nesse período em que o bebê aprende algo novo diariamente.

Fica evidente que o estímulo externo proporcionado no berçário busca o desenvolvimento integral do bebê, por atividades sensoriais em que descobre o mundo pelos seus 5 sentidos, utilizando muito suas mãos, pés e boca, pois quer sentir o mundo ao seu redor. É dever dos professores e da família proporcionar o melhor ambiente para essas descobertas.

Agora vamos para nosso último tópico, onde abordaremos os tipos de adaptação, maneira de torná-la mais fácil, métodos e estudos, ressaltando mudanças que podem ser colocadas em prática. Essas possibilidades para deixar a adaptação mais tranquila foram baseadas nos estudos sobre o tema, em autores que abordam a adaptação e um pouco da minha experiência como estudante de pedagogia e meu trabalho como atendente infantil no berçário.

3.5 Possibilidades metodológicas acessíveis para a adaptação

Iniciaremos esse capítulo ressaltando que não existe uma “fórmula mágica” para uma ótima adaptação, pois cada criança é única; suas experiências, o tempo que vai levar, o ambiente, a família e os professores também não são iguais e isso torna cada processo de adaptação singular. O objetivo dessa pesquisa é auxiliar nessa fase, revisando estudos sobre o assunto e assim reunindo possibilidades de melhorar essa etapa.

Durante a pesquisa observou-se que normalmente essa fase não é organizada. “Embora as práticas de adaptação sejam, em sua maioria, exitosas, não existe uma proposta pedagógica, coletiva ou individual, visando à adaptação das crianças” (OLIVEIRA, 2018, p. 58). A partir dessa observação de Oliveira, acredito ser muito importante que a instituição organize um planejamento do processo de adaptação e crie um guia sobre adaptação cujo objetivo seria oferecer um rumo aos profissionais e familiares para um melhor acolhimento do bebê na creche.

A melhor opção seria a instituição se reunir com os professores para criar o planejamento, considerando o ponto de vista de todos, suas ideias e pensamentos sobre adaptação, para que o planejamento seja rico em experiências diferentes.

Esse planejamento seria utilizado como base na escola, seu conteúdo abordaria todas as etapas da adaptação, refletindo sobre as situações que podem ocorrer. Entre elas, as dificuldades na adaptação; brincadeiras, métodos de acalmar a criança; ideias sobre o que é adaptação; explicação sobre os sentimentos dos bebês, dos pais e dos professores nessa fase. Assim, as partes entenderiam o que cada pessoa passa na adaptação; apresentar-se-iam formas para lidar com os pais, sugestões para realizarem esse processo sem se sentirem culpados; entre outras coisas que iriam beneficiar todos os envolvidos.

Como esse guia abordaria todas as partes da adaptação com o intuito de facilitá-la, deveria ser apresentado aos pais quando eles realizam a matrícula; isso produziria uma sensação maior de segurança e confiança na creche e na pré-escola, deixando bem claros os próximos passos e como seria a adaptação. Além disso, facilitar-se-ia a convivência da instituição com os pais, já que estaria tudo especificado. Também se pode verificar se os pais desejam intervir no planejamento.

Esse guia sobre adaptação deixaria todos os pontos esclarecidos e ajudaria os pais a entender a importância da adaptação, que se tornaria uma experiência enriquecedora, pois “O desejável é que a adaptação deixe de ser entendida como um processo que visa a conformidade para se tornar uma adaptação que possibilite às crianças a sensação de pertencimento ao espaço creche” (OLIVEIRA, 2018, p. 135). Assim, o sentimento de pertencimento será sentido pelos pais e pelo bebê.

A primeira coisa a ser estipulada pela escola é conversar com os pais sobre os primeiros dias de adaptação, pedir para que eles levem a criança para passear na escola antes do seu primeiro dia. Como afirma Oliveira:

O desejável é que aos pais, ou familiares, seja oportunizado levar os filhos para conhecer a instituição, dias antes de começar a frequentá-la, aos poucos ir apresentando os espaços, as professoras, professores, os futuros colegas, para que a criança inicie o seu processo de familiarização com o novo ambiente e com as pessoas que nele convivem. Cremos que deve haver atividades diferenciadas, no período de adaptação das crianças, a fim de que as mesmas possam realizar, inicialmente, junto com seus familiares, para que elas se sintam seguras e tranquilas nesse novo ambiente e no estabelecimento de novos relacionamentos com outras professoras e outras crianças (OLIVEIRA, 2018, p. 71).

Ao iniciar a adaptação também é aconselhável que a criança permaneça menos tempo nos primeiros dias; essa etapa vai depender da criança e não deve ser apressada. É importante

que os pais se programem para iniciar a adaptação, pois terão que buscar a criança na escola se preciso ou ter alguém de confiança para tal tarefa. Nesse período, o bebê começa a conhecer o lugar e, aos poucos se adapta; com seus pais retornando depois de algumas horas, o bebê irá entender que não foi abandonado.

Essas primeiras horas de adaptação não devem ser apenas para o bebê se acostumar com o lugar; deve ser um tempo de criação de vínculos, socialização e relações, para que o bebê se sinta pertencente ao lugar assim como sua família. Para isso, o ambiente precisa ser acolhedor e ajudar na adaptação; um local seguro, educativo, higiênico, com brinquedos e rico em estímulos torna o local mais prazeroso e desperta a curiosidade.

Aconselha-se que a rotatividade de professores seja mínima, assim os bebês vão iniciar e concluir a sua adaptação com os mesmos professores; não é indicado que o vínculo se torne muito dependente, pois nas turmas normalmente há muitos bebês e eles precisam se adaptar a todos os professores; tentar manter a rotina é essencial para não causar estranhamento; eles não gostam de pessoas diferentes no ambiente e às vezes sentem medo.

Partindo dessas análises, vamos listar algumas coisas que ajudam na adaptação e que poderiam estar presentes nesse planejamento: oferecer um ambiente agradável e estimulador; realizar o acolhimento do bebê e da família; demonstrar afetividade; utilizar a ludicidade para brincar e educar; ter na sala brinquedos e música; realizar atividades recreativas; promover a socialização dos bebês; ter mais professores à disposição no período de adaptação como apoio; escolher o melhor turno para a adaptação; explicar para os pais que para o bebê é melhor aprender em casa a usar mamadeira, pois diminui o seu sofrimento; pedir paciência aos profissionais de educação e diálogo com a família.

Os professores precisam demonstrar afeto dando colo, atenção e validando o choro e acalmando. Por esse motivo, ter mais professores na sala ajuda para que as outras crianças não sintam ciúmes; com o tempo o professor pode colocar o bebê com as outras crianças para sentir-se mais seguro para explorar; os professores devem utilizar músicas e danças em brincadeiras, pois também ajudam a acalmar e divertir.

Outra coisa que pode ajudar na adaptação é a permanência, na sala, do familiar que leva o bebê para a creche; essa permanência irá transmitir segurança, mas não deve ser desorganizada e precisa permitir interação do bebê com o local e os professores. Assim, não é indicado que o bebê fique somente no colo e é importante estipular um período breve para permanência na sala para não incomodar as outras crianças. Quando for embora, o familiar não deve sair escondido, mas despedir-se e explicar que vai voltar.

Como mencionou-se anteriormente, o bebê utiliza os sentidos para conhecer o mundo ao seu redor; assim, a família pode levar com o bebê uma peça de roupa, ursinho ou coberta com o perfume/cheiro de sua mãe ou pai para acalmá-lo; esse cheiro conhecido irá ajudar no sono e na ansiedade. É importante que os professores não tentem retirar esses objetos do bebê, e os deixem até que ele não precise mais, pois são ligações da criança com a família e ajudam na adaptação.

Assim, concluímos que o processo de adaptação infantil à creche pode ser uma experiência emocional difícil, traumática ou agradável, tanto para a criança como para sua família, a depender da forma como os profissionais da Educação Infantil o conduzem. Consideramos que a garantia da devida participação familiar, o respeito aos sentimentos e necessidades infantis, a qualidade dos espaços físicos destinados às crianças e às suas famílias são fatores facilitadores ao ingresso da criança pequena às instituições de Educação Infantil (OLIVEIRA, 2018, p. 83).

A partir das possibilidades metodológicas apresentadas, percebemos que o planejamento é o fator mais importante na adaptação, para aconselhar a família, explicar os passos, orientar a instituição e os professores, e assim orientar essa fase. Nosso intuito foi reunir métodos utilizados para a adaptação e explicar a importância de um guia para ajudar as famílias, professoras e instituição, pois a educação infantil ainda cria raízes no nosso país e necessita de muitos estudos, investimentos e melhoria na qualidade.

4 Considerações finais

Com essa pesquisa foi possível entender o contexto histórico da educação infantil, sua legislação e documentos, como foi o seu passado assistencialista, as conquistas que foram alcançadas com as novas diretrizes e leis, os objetivos que a creche e pré-escola têm na atualidade, para compreender as mudanças que ocorreram na sociedade e o aumento da demanda por vagas na educação infantil.

Com bebês cada vez mais novos entrando na creche, é necessário conhecer e saber colocar em prática o processo de adaptação; por esse motivo foram apresentados o conceito de adaptação, suas dificuldades, complexidade e desafios que todos os envolvidos enfrentam.

Conseguimos compreender o sofrimento que o bebê passa nesse processo e a resistência que pode demonstrar à creche; analisamos também a influência dos pais e dos professores na adaptação, assim como seus sentimentos, dificuldades e medos, concluindo que o diálogo é a solução de muitos problemas enfrentados nessa fase.

Compreendemos a importância do desenvolvimento do bebê no berçário — que deve ocorrer segundo a BNCC — e organizamos os principais objetivos de aprendizagem para essa faixa etária.

Com essa pesquisa concluímos que existe a necessidade de um planejamento para o processo de adaptação; para elaborar tal planejamento é preciso fazer uma revisão de estudos sobre adaptação, bebês, família e educação infantil para que a instituição, junto com os professores, crie um guia que contenha o plano de adaptação, sugestões para pais e professores, entre outras informações importantes para uma adaptação tranquila.

O objetivo desse planejamento seria dar rumo à adaptação e fazê-la mais fácil; com ele os pais se sentiriam mais seguros, os professores teriam o seu trabalho valorizado e o bebê ganharia um ambiente melhor para se adaptar.

Essa pesquisa não teve o intuito de esgotar o assunto da adaptação; é essencial que outras pesquisas sejam realizadas sobre a educação infantil, berçário e creche, pois ainda há poucos estudos sobre o tema e a educação infantil está em constante transformação no cenário educacional brasileiro. Sendo ainda muito recente, são necessárias pesquisas mais aprofundadas sobre adaptação e elas devem ser publicadas com o intuito de informar a família e os professores.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 14 set. 2021.

COSTA, Ricardo da. A educação infantil na Idade Média. **Revista VIDETUR 17**, Porto, Editora Mandruvá, p. 13-20, 2002. Disponível em: <https://www.ricardocosta.com/artigo/educacao-infantil-na-idade-media>. Acesso em: 14 set. 2021.

CARTAXO, Simone Regina Manosso. **Pressupostos da educação infantil**. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2013. 204 p.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa. **O levantamento bibliográfico e a pesquisa científica**. 2011. 13 p. Disponível em: http://www2.eerp.usp.br/nepien/disponibilizararquivos/levantamento_bibliografico_cristianeg Alv.pdf. Acesso em: 24 ago. 2021.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. Verbete RCN para a Educação Infantil. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil**. São Paulo: Midiamix Editora, 2001.

Disponível em: <https://www.educabrasil.com.br/rcn-para-a-educacao-infantil/>. Acesso em: 26 ago. 2021.

OLIVEIRA, Suélen Cristiane Marcos de. **O processo de adaptação das crianças na educação infantil**: os desafios das famílias e dos educadores da infância. Orientador: Prof. Dr. Gilza Maria Zauhy Garms. 2018. 249 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente - SP, 2018.

Disponível em:

https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/153912/oliveira_scm_dr_prud.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 11 jul. 2021.

RAU, Maria Cristina Trois Dorneles. **Educação Infantil**: práticas pedagógicas de ensino e aprendizagem. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2012. 318 p.

SANTOS, E. P. Adaptação de crianças na educação infantil. **Revista e-Ped** – FACOS/CNEC Osório - RS, v. 2, n. 10, ago. 2012.

SOARES, Simaria de Jesus. Pesquisa científica: Uma abordagem sobre o método qualitativo. **Revista Ciranda**, Montes Claros, v. 1, n. 3, p. 168-180, jan./dez. 2019.

Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/ciranda/article/view/314/348>. Acesso em: 24 ago. 2021.